

ENFRENTAMENTO DA MORTE: ENFERMAGEM NA UNIDADE DE TERAPIA INTENSIVA

Maria Aparecida Araújo Dantas (1); Maria Joselita Alves (2); Gilmara Marques Rodrigues Araújo (3); Maria Zélia Araújo (4)

Docente da Unesc Faculdades – FAC/CG, cida.araujo40@hotmail.com

Docente da Unesc Faculdades – FAC/CG, joselitalves2@hotmail.com

Docente da Unesc Faculdades – FAC/CG, gilmaramarques2009@gmail.com

Orientadora: Docente da Unesc Faculdades – FAC/CG, zelinha_araujo@hotmail.com

Resumo: Os objetivos foram: identificar nas literaturas quais as principais queixas dos profissionais enfermeiros das Unidades de Terapia Intensiva ao lidar com a morte de seus pacientes e qual a assistência que recebem no enfrentamento desse luto. Método: Metodologicamente realizou-se uma pesquisa exploratória de revisão bibliográfica enfocando a problematização a partir de livros, revistas e artigos publicados, na Biblioteca Virtual da Saúde (MEDLINE/BVS), SCIELO ((Scientific Eletronic Library, Online)\Biblioteca eletrônica científica on-line), Literatura Latino-Americana em ciências da Saúde (LILACS). Utilizando dos respectivos descritores morte, enfermagem, unidade de terapia intensiva, assim como, dos critérios de inclusão e exclusão foi possível obter uma amostra de 23 artigos dos quais selecionamos o total de 7 artigos. Resultados: Verificou-se que os profissionais de enfermagem que atuam nas Unidades de Terapia Intensiva, ao lidarem com o enfrentamento da morte de seus pacientes, trazem para si um sentimento por vezes de pesar, angustia, tristeza, impotência e que levam muitos a desenvolverem estresse, quando a morte é enfrentada com indiferença, é uma forma de defesa do profissional, com o intuito de si manterem são, pois além de não estarem preparados para o enfrentamento do luto, muitos ainda enfrentam longas jornadas de trabalho. Conclusão: Estes profissionais referem a importância da disponibilização de ambientes adequados que possibilitando o enfrentamento do sofrimento psíquico, evitando doenças ocupacionais, sendo imprescindível que haja reconhecimento profissional, ambientes estes, para discussão entre os vários profissionais envolvidos, o que pode favorecer o conhecimento de todos sobre o trabalho desenvolvido e avaliação de alcance de resultados.

Palavras-chave: Morte, Enfermagem, Unidade de Terapia Intensiva.

1 INTRODUÇÃO

A enfermagem quando na assistência em unidades de terapia intensiva, em seu cotidiano passa por diversas realidades tanto no processo de recuperação de um paciente quanto na perda no enfrentamento da morte. Compreender essas questões que a equipe de enfermagem tem enfrentado em seu dia a dia, faz-nos refletir sobre as questões que por vezes perpassam a compreensão humana, quando percebemos ações e reações adversas destes profissionais quando no enfrentamento da finitude da vida e suas limitações.

As unidades de terapia intensiva ocupam áreas hospitalares destinadas ao atendimento de pacientes críticos que necessitam de cuidados complexos e intervenções invasivas, devido à alta complexidade, ocorrem mudanças a todo momento no estado geral do paciente, caracterizando-se como um setor altamente estressante tanto para os pacientes quanto para os profissionais de enfermagem (SILVA, 2011).

Figueiredo, Silva, Silva (2009) consideram que a unidade de terapia intensiva significa um verdadeiro porto seguro, não só

para o profissional que nela atua, mas principalmente para os clientes que nela são assistidos. Não obstante, sensações de medo, angústia, dor e sofrimento coexistem com segurança, experimentadas pelos profissionais que trabalham nessas unidades.

As Unidades de Terapia Intensiva (UTI), apresentam uma íntima relação com o túnel de luz. Atualmente, no imaginário coletivo de algumas pessoas, o centro de tratamento intensivo (CTI) é um espaço onde ocorrem mortes, contrariamente ao que essas unidades se propõem.

O comportamento e certo despreparo diante da morte agravam-se a cada dia, fundamentalmente entre os profissionais que atuam em UTI. E isso pode ser facilmente verificado nos modos como é “ensinado” vivenciar essa situação de proximidade da morte em clientes de unidades de terapia intensiva.

Conhecer-se a si mesmo possibilita à pessoa tomar ciência das próprias limitações, fragilidades e também descobrir e permitir melhor usufruto de suas potencialidades. Sobretudo, é de suma importância que o profissional de enfermagem tenha ciência de que diferentes características individuais das pessoas fazem parte da natureza humana (SILVA, 2011).

Ao se tratar da palavra morte, muitos indivíduos não estão preparados para abordar esta temática, uma vez que culturalmente não se prepara para este enfrentamento, considerando ainda que esta é uma vivência presente no âmbito hospitalar, sendo um momento difícil, sejam para familiares, assim como o profissional de saúde, ocorre portanto, uma certa dificuldade em se falar da morte, assim como, vivenciar de forma cotidiana como nas unidades de terapia intensiva, onde os indivíduos ali internos passam pelo os dois

extremos com paciente em risco iminente de morrer e de evoluir para alta, em se tratando de um setor de alta complexidade e que são prestados assistência necessária no processo de prevenção, paliativos, recuperação, curativos e alta.

Considerando o cenário das unidades de terapia intensiva e as diversas realidades enfrentadas pelos os profissionais enfermeiros de acordo com o perfil de cada paciente por eles assistido, torna-se por vezes, impossível de não ocorrer um envolvimento emocional que vai além do cuidado prestado aos seus pacientes, assim como o saber lidar com situações de morte que lhes são apresentados em seu cotidiano, onde muitos profissionais necessitam de uma assistência em saúde para poder passar por este enfrentamento, e que lhes causa muita angústia, dor e sofrimento.

Neste sentido observa-se que realizar um levantamento bibliográfico, obtendo informações pertinentes sobre o enfrentamento destes profissionais enfermeiros em unidades de terapia intensiva considerado um ambiente estressante, tendo consigo o agravo de vivenciar perdas no processo de morrer, faz-nos refletir sobre as principais queixas dos profissionais enfermeiros das Unidades de Terapia Intensiva ao lidar com a morte de seus pacientes e qual a assistência que recebem no enfrentamento desse luto, Estes profissionais que estão habituados a assistencializar e há não buscarem a assistência necessária para o cuidar da sua própria saúde.

2 MÉTODO

Tratou-se de uma revisão de literatura, exploratória, permitindo a inclusão de estudos com a finalidade de sintetizar resultados obtidos nesta pesquisa, abordando um

determinado tema de maneira ordenada facilitando a compreensão do leitor.

A pesquisa bibliográfica é construída a partir de material já publicado, presente principalmente em livros, revistas, artigos científicos, jornais, internet, com o objetivo de estabelecer um contato direto entre o pesquisador e o material já existente sobre o assunto da pesquisa (PRODANOV; FREITAS, 2013).

Para o desenvolvimento deste estudo compreenderam as buscas na Biblioteca Virtual de Saúde (BVS), na base de dados do *Scientific Electronic Library Online* (SCIELO), na base de dados Literatura Latino Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS).

A amostra compreendeu o total de 7 artigos selecionados após a inserção de critérios de inclusão e exclusão, em que seriam incluídos os artigos que se encontrassem nas bases de dados supracitados e que tivesse como identificação os descritores: morte, enfermagem, unidade de terapia intensiva e seriam excluídos os artigos que não atendessem aos critérios de inclusão.

De acordo com os critérios de inclusão e exclusão desta pesquisa, compreendeu-se como objeto de estudo os artigos com abordagem qualitativa, publicados em português no período entre 2008 e 2016, que não sejam artigos publicados em outros idiomas, que estejam disponíveis para consulta, que estejam completos para consulta, coletânea de material já publicado, seleção de conteúdo pertinente, categorização dos estudos, análise, interpretação e avaliação dos resultados encontrados.

Realizado uma leitura prévia de acordo com o conteúdo e título do artigo, após esta avaliação os mesmos foram selecionados, analisados, comparados e feito uma reflexão

para a realização do processo de compilação dos resultados atendendo aos objetivos propostos no estudo em apreço.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

No universo da estrutura organizacional de uma Unidade de Terapia Intensiva o profissional de enfermagem é submetido a uma carga exaustiva de trabalho, cujo o enfermeiro se depara com um contexto de risco ocupacional, vivenciando situações de urgência e emergência ao prestar cuidados a pacientes graves que podem evoluir para uma boa recuperação ou até mesmo irem a óbito.

Balsanelli; Bohomol; Zimmermann (2016), concordam que das Unidades de Terapia Intensiva é esperado, portanto, um cenário em que ocorra gerenciamento dos processos assistenciais como uso de indicadores para avaliar o desempenho operacional, no sentido de conhecer a qualidade do cuidado dispensado ao paciente.

Silva (2011) afirma que a conduta impessoal dos profissionais na unidade de terapia intensiva pode estar atribuído em decorrência da grande demanda por serviços cujos clientes não raras vezes encontram-se em situação de risco de morte. Esses fatores sem dúvida geram estresse, desgaste físico e psicológico.

Em pesquisa realizada entre os profissionais de enfermagem, numa Unidade de Terapia Intensiva de um hospital de grande porte da região metropolitana de São Paulo, revela que a maioria dos profissionais de enfermagem enfrenta, em seu cotidiano, dificuldades para prestar assistência ao cliente que está sob seu cuidado. Falta de material, sobrecarga de trabalho e falta de tempo impedem-nos de praticar a nossa função, que

é prestar uma assistência com qualidade e humanizada. Esse é um fator importante de estresse no trabalho.

Diversos autores retratam a enfermagem como profissão estressante, devido à responsabilidade pela vida das pessoas e proximidade de clientes em que o sofrimento é quase inevitável, exigindo dedicação no desempenho de suas funções, aumentando a probabilidade de ocorrência de desgaste físicos e psicológicos (SALOMÉ; ESPÓSITO; SILVA, 2008).

Potter (2009) afirma que as enfermeiras ao dar assistência a clientes terminais e seus familiares, elas também experimentam luto e perda, costumam testemunhar sofrimento prolongado, levando a sensações de frustração, raiva, culpa, tristeza ou ansiedade.

Abordar temas relacionados à morte seja do “eu” ou de “outro” é sempre difícil e, ao mesmo tempo, complexo, pois a palavra vem sempre estigmatizada pelo sentimento de perda, da vida, que supõe vivência, convivência, afetos, desafetos e, separação. Ao mesmo tempo, tal situação é pensada e percebida como resultado de um processo temporal e linear, que se inicia com o nascimento, crescimento, desenvolvimento, envelhecimento e, por fim, a morte. Contudo este processo pode ser “atravessado” e interrompido em qualquer uma destas fases (SCARTON, *et. al.*, 2013).

Silva, Campos, Pereira (2011) enfatizam que o conceito de morte é sempre relativo, complexo e sofre mudanças influenciadas pelo contexto situacional, social e cultural. Existem algumas abordagens que devem ser levadas em consideração para a definição e sua determinação, como a perda irreversível do fluxo de fluídos vitais, onde a maioria das mortes é determinada pela

ausência de sinais vitais; perda irreversível da alma do corpo; perda irreversível da capacidade de integração corporal e a perda irreversível da capacidade de interação da consciência ou social. Assim sendo, com a nova definição de morte cerebral, há uma mudança dos parâmetros de um modelo cardiocêntrico para um encefalocêntrico.

É coerente entender que as questões que envolvem a morte, em particular as questões de ordem subjetiva, sempre figuraram entre as maiores dificuldades experimentadas pelos profissionais de saúde, principalmente os enfermeiros quando necessitam prestar cuidados ao paciente em processo de morte.

O trabalhar com o sofrimento, dor e presenciar a morte levam os enfermeiros a crescente estresse decorrente do labor. É fato também que o cuidar de pacientes críticos, nos quais pode haver instabilidade do quadro clínico, constantemente, é fator desencadeante de desgaste e, por consequência, do sofrimento do enfermeiro (MARTINS; ROBAZZI, 2009).

Scarton, *et. al.* (2013) destacam que a vivência cotidiana dos profissionais de enfermagem em UTI neonatal/Pediátrica não é suficiente para aceitação da morte de uma criança, pois afloraram sentimentos como culpa fracasso e negação da morte.

Sobrecarga emocional, impotência, libertação do sofrimento, aceitação banalização, trauma, identificação, vulnerabilidade, afetividade, solidariedade, amor, carinho, respeito, empatia, revolta, inconformismo, dificuldade de aceitação e despreparo são sentimentos que podem emergir entre os trabalhadores da enfermagem quando da perda de um paciente.

A morte de pessoas jovens não é vista como processo natural, mas sim que há

expectativa que nascemos, crescemos, vivemos por um determinado tempo. A morte é mais bem aceita quando se tem o sentimento de que a pessoa já cumpriu as etapas de sua vida (MARTINS; ROBAZZI, 2009).

Em um estudo realizado entre profissionais de enfermagem atuantes em uma unidade de terapia intensiva pediátrica de um hospital do Paraná. Concordam Marques, et. al. (2013) que a experiência vivenciada pelos profissionais de enfermagem diante da morte incorpora inúmeros sentimentos e formas de enfrentamento. A análise dos relatos evidenciou que, embora a morte seja considerada pelos entrevistados como algo frequente na rotina da UTIP, esta evoca sentimentos que aludem à limitação profissional, ao fracasso e insucesso.

“Sinto impotência, não tem o que fazer, procuro oferecer a maior dignidade possível. E sinto tristeza, pela criança e pela família que perdeu (E1).”

“É um sentimento de incompetência, UTI é triste por conta disso, trabalhamos com crianças com risco de morte sempre, e não são todas que têm bom prognóstico. Aqueles que morrem deixam na gente a sensação de incompetência (T2).”

No âmbito profissional, portanto, e em especial nos contextos em que a morte constitui uma constante possibilidade, é preciso organizar meios para que as equipes estejam devidamente preparadas para lidar com ela, com todas as particularidades e especificidades que esses eventos encerram, bem como para apoiar adequadamente as

famílias e pacientes nessa situação de enfrentamento.

3 RESULTADOS E DISCURSSÃO

Os resultados encontrados e selecionados, após a realização de leitura e a análise prévia, foram organizados de acordo com os seguintes critérios, título do artigo, ano de publicação, autores, nome do periódico e tipo de pesquisa. Sendo estes apresentados em quadros.

Quadro 1 – Listagem dos artigos selecionados

IDENTIFICAÇÃO	TÍTULO DO ARTIGO
A1	Relacionamento interpessoal entre a equipe de enfermagem e pacientes no cotidiano da unidade de terapia intensiva
A2	Cuidando do paciente no processo de morte na unidade de terapia intensiva.
A3	ENFERMAGEM: A Morte E O Morrer Em Unidade De Terapia Intensiva Pediátrica E Neonatal
A4	Significados Atribuídos Pela Equipe De Enfermagem Em Unidade De Terapia Intensiva Pediátrica Ao Processo De Morte e Morrer
A5	Erros de medicação em uma unidade de terapia intensiva
A6	O ser profissional de enfermagem em Unidade de Terapia Intensiva
A7	O Trabalho dos Profissionais de Enfermagem em Unidades de Terapia Intensiva na Assistência ao Paciente Oncológico

Dados da Pesquisa: autoria própria, 2016.

Quadro 2 – Listagem dos artigos de acordo com o ano de publicação, autores, nome do periódico e tipo de pesquisa.

ARTIGO	ANO	AUTORES	NOME DO PERIODICO	TIPO DE PESQUISA
A1	2011	SILVA, A. J.	Revista Nursing	Revisão bibliográfica descritiva e exploratória
A2	2011	SILVA, R. S. da., CAMPOS, A. E. R., PEREIRA, Á.	Revista Escola de Enfermagem USP	O método exploratório-descriptivo com abordagem qualitativa
A3	2013	SCARTON, J.; POLI, G.; KOLANKIEWICZ, A. C. B.; ROSANELLI, C. L. S. P.; SCARTON J.; POLI, A. G.	Revista de Enfermagem UFPE	Estudo qualitativo, descritivo e exploratório
A4	2013	MARQUES, C. D. C.; VERONEZ, M.; SANCHES, M. R.; HIGARASHI, I. H.	Revista Mineira de Enfermagem UFMG	Estudo qualitativo, descritivo e exploratório
A5	2016	BALSANELLI, A. P.; BOHOMOL, E.; ZIMMERMAN, G. dos S.	Revista Nursing	Estudo transversal
A6	2008	SALOMÉ, G. M.; ESPÓSITO, V. H. C.; SILVA, G. T. R. da.	Acta Paul Enfermagem	Estudo qualitativo e fenomenológico
A7	2014	HERCOS, T. M.; VIEIRA, F. S.; OLIVEIRA, M. S. de; BUETTO, L. S.; SHIMURA, C. M. N.; SONOBE, H. M.	Revista Brasileira de Cancerologia	Revisão integrativa

Dados da Pesquisa: autoria própria, 2016.

Torna-se fundamental que a enfermagem de terapia intensiva perceba que atuando o tratamento não consegue mais atingir os objetivos de preservar a saúde ou aliviar o sofrimento, novos tratamentos tornam-se uma futilidade ou uma desnecessidade e acabam aumentando ainda mais o sofrimento, não só do cliente, como de seus familiares e também da equipe (FIGUEIREDO; SILVA; SILVA, 2009).

Outro fato indispensável à discussão que permeia a prática desses profissionais é a questão da morte do paciente. A possibilidade da morte do paciente pode causar estresse e sentimento de impotência nos profissionais da saúde. Isso pode ser explicado pelo fato de a sociedade ter uma expectativa de responsabilização dos profissionais de manutenção da vida e, quando essa “missão” não pode ser alcançada, surge ansiedade, angústia e frustração (HERCOS, *et. al.*, 2014).

Potter (2009) considera que o luto é a resposta emocional a uma perda, manifestada de modos peculiares para um indivíduo, com base em experiências pessoais, expectativas culturais e crenças espirituais.

Enfrentar o luto envolve um período de lamento, as expressões externas e sociais de luto e o comportamento associado a perda. Os rituais de lamento são culturalmente influenciados e, como tais, são comportamentos aprendidos.

A Morte, tratada com indiferença, é consequência de um mecanismo de defesa dos enfermeiros a fim de se manterem mentalmente sãos, pois, além da falta de preparo para lidarem com a Morte, muitos destes profissionais ainda enfrentam longas jornadas de trabalho, enfermarias superlotadas e sucateadas, o que agrava ainda mais o

estresse ao qual estão submetidos (SANTOS; BUENO, 2011).

Neste Sentido Hercos, *et. al.*, (2014) concordam que a possibilidade de enfrentar o sofrimento psíquico e evitar doenças ocupacionais é imprescindível que haja reconhecimento profissional, com promoção de um espaço institucional para discussão entre os vários profissionais envolvidos, o que pode favorecer o conhecimento de todos sobre o trabalho desenvolvido e avaliação de alcance de resultados.

Em relação às formas de lidar com as dificuldades e encontrar recursos para minimizá-las ou resolvê-las, verificam-se a melhoria das condições de trabalho (organização com diminuição burocrática, dinâmica de atendimento e salários), incentivo e inserção de atividades físicas e de lazer no cotidiano dos profissionais, uma política de educação permanente, suporte psicológico sistematizado aos profissionais para o enfrentamento das dificuldades no seu cotidiano de trabalho e investimento na relação interpessoal na instituição.

4 CONCLUSÃO

O processo da enfermagem de cuidar de pessoas em ambientes hospitalares adversos, assim como, as Unidades de Terapia Intensiva envolve aspectos como, observação, levantamento de dados, planejamento, implementação, evolução e avaliação. Assim como o saber lidar com toda a equipe multiprofissional e os familiares dos pacientes sobre suas responsabilidades.

Abordar temas relacionados a enfermagem no âmbito de uma Unidade de Terapia Intensiva e sua vivência com o processo de morte de seus pacientes, onde se busca a recuperação e na realidade por vezes

não se alcança, esta realidade enfrentada com a finitude da vida, faz com que estes profissionais passem por diversos processos de enfrentamento, o que faz nos refletir sobre a importância do entendimento quanto ao comportamento adotado pelos enfermeiros assistencialistas.

Vale ressaltar a importância de estudos enfatizando o ser enfermeiro e o enfrentamento de seu cotidiano nas Unidades de Terapia Intensiva, sendo estes aplicados objetivando a melhoria na qualidade das condições de trabalho e valorização do profissional enfermeiro sobre toda a ótica especificada.

Perceber o profissional de enfermagem em especial os que trabalham nas Unidades de Terapia Intensiva como ser humano, e não apenas como meros trabalhadores que desenvolvem suas funções de modo mecanicista, é esquecer que dentro daquele corpo existe alguém, uma alma, que necessita de cuidados e de necessidades básicas para desenvolver suas atividades diárias, preservando sua saúde, e não apenas um indivíduo comprometido em realizar cuidados em seus pacientes esquecendo do seu eu.

Considera-se ainda que as unidades hospitalares, em destaque as Unidades de Terapia Intensiva possam oferecer a seus pacientes condições ideais para uma boa recuperação, como para seus profissionais condições adequadas para o melhor desenvolvimento de seu trabalho, esses setores são dotados de equipamentos de última geração, embora por vezes, falem medicações e cuidados prestados aos seus profissionais, não percebendo o quanto estão estressados, fadigados, desatentos, emocionalmente abalados ao lidar com as perdas da morte.

REFERÊNCIAS

1. BALSANELLI, A. P.; BOHOMOL, E.; ZIMMERMANN, G. dos S.; Erros de medicação em uma unidade de terapia intensiva. **Revista Nursing**, São Paulo, editora: MPM comunicação, v. 220, n. 17, março, 2016.
2. FIGUEIREDO, N. M. A. de; SILVA, C. R. L. da; SILVA, R. C. L. da; **CTI ATUAÇÃO, INTERVENÇÃO E CUIDADOS DE ENFERMAGEM**. 2. ed. São Caetano do Sul, SP: Yendis Editora, 2009.
3. HERCOS, T. M.; VIEIRA, F. de S.; OLIVEIRA, M. S. de; BUETTO, L. S.; SHIMURA, C. M. N.; SONOBE, H. M. O Trabalho dos Profissionais de Enfermagem em Unidades de Terapia Intensiva na Assistência ao Paciente Oncológico. **Revista Brasileira de Oncologia**, 2014. Disponível em: <www.inca.gov.br/.../08-revisao-literatura-o-trabalho-dos-profissionais-de>. Acesso em: 19 abr. 2014.
4. MARQUES, C. D. C.; VERONEZ, M.; SANCHES, M. R.; HIGARASHI, I. H., Significados atribuídos pela equipe de enfermagem em unidade de terapia intensiva pediátrica ao processo de morte e morrer. **Rev. de Mineira de Enfermagem EFMG**, 2013 out/dez. Disponível em: <reme.org.br/exportar-pdf/889/v17n4a06.pdf>. Acesso em: 22 mar. 2016.
5. MARTINS, J. T.; ROBAZZI, M.L.C.C., O TRABALHO DO ENFERMEIRO EM UNIDADE DE TERAPIA INTENSIVA: SENTIMENTOS DE SOFRIMENTO. **Rev. Latino-am. Enfermagem** 2009. Disponível em:
<www.eerp.usp.br/rlae>. Acesso em: 22 mar. 2016.
6. POTTER, P. A. **Fundamentos de enfermagem**. 7. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009.
7. PRODANOV, C.C. **Metodologia do trabalho científico [recurso eletrônico]: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2 ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013. Disponível em: <<http://www.faatensino.com.br/wp-content/uploads/2014/11/2.1-E-book-Metologia-do-Trabalho-Cientifico-2.pdf>>. Acesso em: 10 jan. 2016.
8. SALOMÉ, G. M.; ESPÓSITO, V. H. C.; SILVA, G. T. R. da. O ser profissional de enfermagem em Unidade de Terapia Intensiva. **Acta Paul Enfermagem**, 2008. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/ape/v21n2/pt_a10v21n2.pdf>. Acesso em: 06 abr. 2016.
9. SILVA, A. J. Relacionamento interpessoal entre equipe de enfermagem e pacientes no cotidiano da UTI: revisão de literatura. **Revista Nursing**, São Paulo: Bolina, ed. 159, ago. 2011.
10. SILVA, R. S. da., CAMPOS, A. E. R., PEREIRA, Á. Cuidando do paciente no processo de morte na Unidade de Terapia Intensiva. **Rev. esc. enferm. USP** v.45 no.3 São Paulo June 2011 <http://dx.doi.org/10.1590/S0080-62342011000300027>. Disponível em: [HTML] Caring for the patient in the process of dying at the Intensive Care Unit RS Silva, AER Campos, Á Pereira - ... da Escola

de **Enfermagem** da ..., 2011 -
SciELO Brasil

11. SCARTON, J.; POLI, G.;
KOLANKIEWICZ, A. C. B.;
ROSANELLI, C. L. S. P.; SCARTON J.;
POLI, A. G., ENFERMAGEM: A
MORTE E O MORRER EM UNIDADE
DE TERAPIA INTENSIVA
PEDIÁTRICA E NEONATAL. **Rev.
enferm. [PDF] enfermagem: a morte e
o morrer em unidade de terapia.** UFPE
on line., Recife, v.7, n.10., out., 2013.
p.5929-37. Disponível em:
<www.revista.ufpe.br/revistaenfermagem/index.php/revista/article/.../7385 de J
Scarton>. Acesso em: 22 mar. 2016.
12. SANTOS, J. L. DOS, BUENO, S. M.
V. Educação para a morte a docentes
e discentes de enfermagem: revisão
documental da literatura científica-
**Revista da Escola de Enfermagem
USP 2011 – Disponível em:**
<revistas.usp.br>. Acesso em: 22 mar.
2016.